

A tecnologia digital mudou muito nas nossas vidas, mas de que forma está a afetar a igualdade de género? A digitalização transformou o carácter do mercado de trabalho, mudou o modo como interagimos com os nossos amigos, moldou a participação política, está a afetar o futuro do trabalho e, além disso, acarreta um risco de ciberviolência. Todas estas transformações apresentam novos desafios, mas também oferecem oportunidades para abordar as desigualdades de género que afetam mulheres e homens, embora frequentemente de formas diferentes. O Instituto Europeu para a Igualdade de Género (EIGE) apresenta algumas ideias a seguir, resultantes do seu trabalho sobre os aspetos de género da digitalização.

Percurso digital definido pelo género

A autoconfiança faz a diferença

Mais de nove em cada dez raparigas e rapazes (16-24 anos de idade) têm competências suficientes para utilizar as tecnologias digitais na sua vida quotidiana. A diferença reside na confiança: os rapazes sentem-se mais confiantes nas suas competências digitais do que as raparigas. Por exemplo, 73% dos rapazes de 15-16 anos de idade sentem-se à vontade para utilizar dispositivos digitais com os quais estão menos familiarizados, contra 63% das raparigas da mesma faixa etária. Nos países em que os jovens têm um menor nível de confiança nas suas competências digitais (por exemplo, Letónia, Áustria e Finlândia), as disparidades em termos de confiança entre as mulheres e os homens são claramente maiores, chegando aos 25 pontos percentuais na Finlândia.

Os empregos digitais são menos atrativos para as mulheres

A baixa autoconfiança entre as raparigas anda a par das menores aspirações a ter um emprego digital. Existem apenas quatro países na UE (Bulgária, Estónia, Malta e Roménia) em que as adolescentes manifestam interesse em trabalhar como profissionais das tecnologias da informação e da comunicação (TIC) aos 30 anos de idade. Mesmo nestes países, o interesse é muito baixo (entre 1% e 3%). Noutros países da UE, o interesse observado é praticamente nulo. Em contrapartida, entre 3% e 15% dos adolescentes do sexo masculino em toda a UE aspiram a tornar-se profissionais das TIC. Isto demonstra a forte influência dos estereótipos de género nas escolhas individuais. Tal leva, numa fase posterior, a que determinadas áreas de estudo e de trabalho sejam persistentemente dominadas quer pelas mulheres, quer pelos homens.

Elevada procura de profissionais digitais: escassez de mulheres

As ciências, as tecnologias, as engenharias e a matemática (CTEM) são as disciplinas do sistema educativo mais segregadas em termos de género. Na última década, a percentagem de mulheres diplomadas nas CTEM na UE diminuiu de 23% para 22%. Esta divisão de género reflete-se no mercado de trabalho, onde a percentagem de mulheres em profissões das CTEM é de 14%, sendo que este valor quase não sofreu alterações na última década.

Percurso digital definido pelo género

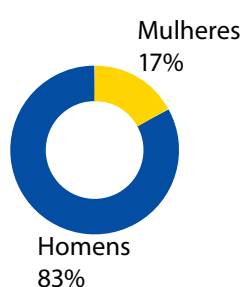
COMPETÊNCIAS DIGITAIS



CONFIANÇA DIGITAL



EDUCAÇÃO DIGITAL



A percentagem de mulheres entre os diplomados em TIC e engenharia na UE é de 17%. Entre 2004 e 2015, este número diminuiu em 20 Estados-Membros.

ESPECIALISTAS DIGITAIS

8 em cada 10 empregos nas TIC são atribuídos a homens

Dos 8 milhões de especialistas em TIC na UE, 17% são mulheres

REPERCUSSÕES

500 000 especialistas em TIC em falta na UE até 2020

- Reforço das **disparidades salariais** entre homens e mulheres
- Estereótipos de género não contestados
- Preconceito de género nas tecnologias
- **Perdas económicas** para a UE

Na área das TIC, só uma fração do potencial feminino está a ser utilizada. Apesar da elevada procura de especialistas em TIC na UE, as mulheres representam apenas 17% dos 8 milhões de especialistas em TIC a trabalhar na UE atualmente. Tendo em conta que a UE espera uma escassez de mais de 500 000 especialistas em TIC até 2020, estas disparidades serão um desafio no futuro.

Um dos obstáculos a que mais mulheres se candidatam a empregos nas áreas das TIC são os locais de trabalho dominados pelos homens, nos quais as mulheres têm dificuldade em se integrar. Entre os especialistas em TIC, os homens são menos suscetíveis de trabalhar sob a supervisão feminina do que as mulheres. Mais mulheres do que homens trabalham em escritórios com números aproximadamente iguais de mulheres e homens (*figura 1*). Isto sugere que as mulheres especialistas em TIC não se encontram num local de trabalho qualquer, mas sim nos locais de trabalho onde existem mais mulheres. Estas divisões de género entre os locais de trabalho das TIC indicam que a capacidade das mulheres para obter e manter um emprego nas TIC depende da massa crítica de mulheres que já se encontram no local de trabalho em questão.

Os empregos digitais oferecem uma oportunidade para melhorar a conciliação da vida profissional com a vida familiar

Os empregos nas TIC geralmente oferecem condições de trabalho favoráveis, sobretudo em termos de qualidade do trabalho e modalidades de horário que contribuem para o equilíbrio entre a vida profissional e a vida familiar. Quando comparadas às mulheres nas profissões da saúde, por exemplo, as mulheres que exercem na área das TIC encontram-se num ambiente físico e social potencialmente melhor: tanto as mulheres como os homens que trabalham nas TIC têm maior autonomia para decidir quanto ao seu horário de trabalho do que os que trabalham em profissões da saúde, por exemplo, e a maior parte dos trabalhadores das TIC sente que o seu horário de trabalho complementa os seus compromissos familiares ou sociais.

Repercussões das disparidades de género

A segregação de género é um dos principais fatores que contribui para as disparidades salariais de género na UE. As TIC são um dos

setores mais bem remunerados. Em média, as mulheres nas TIC são mais bem remuneradas do que as mulheres noutras profissões. A diferença nos rendimentos mensais entre mulheres e homens é mais baixa entre especialistas em TIC (13%) quando comparada com os profissionais de saúde (26%), ou com todos os outros trabalhadores (33%).

Embora o domínio dos homens em empregos das CTEM, em particular nas TIC, seja uma consequência dos estereótipos de género, este reforça as ideias sobre feminilidade e masculinidade e os papéis das mulheres e dos homens na sociedade. Além disso, a falta de mulheres no desenvolvimento científico e tecnológico exacerba o preconceito de género nas próprias tecnologias.

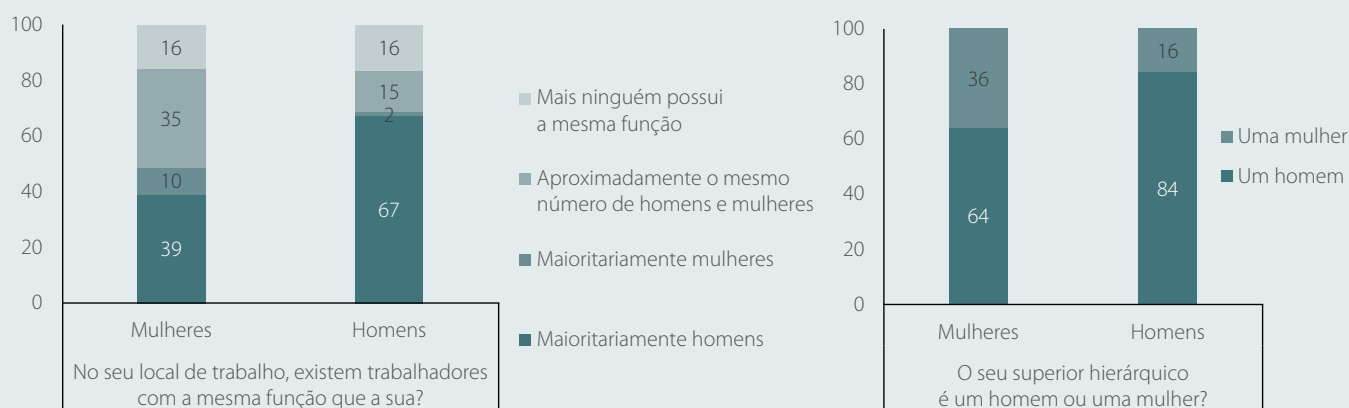
Estudos do EIGE demonstram que a redução das disparidades de género no ensino das CTEM promoveria o crescimento económico, com mais postos de trabalho (até 1,2 milhões até 2050) e um aumento do PIB a longo prazo (até 820 mil milhões de euros até 2050). Prevê-se que os novos postos de trabalho nas CTEM gerem muito emprego bem remunerado, resultando numa melhoria da competitividade da UE e numa eliminação gradual das disparidades salariais de género.

Espaços digitais definidos pelo género

As normas de género estão bem vivas na Internet

As plataformas digitais são espaços de empoderamento e formação de identidade, mas também de automonitorização. As redes sociais podem fazer com que as raparigas se sintam constantemente vigiadas e sintam que têm de «trabalhar arduamente» para demonstrar que se mantêm sempre bonitas, elegantes, jovens, atraentes e presentes no espaço digital. Este fenómeno é demonstrado pelo comportamento das jovens em linha e sobretudo pela frequência com que carregam conteúdos da sua autoria, nomeadamente fotografias.

Figura 1. A composição de género dos locais de trabalho com especialistas em TIC na UE-28 (20-64, em %, 2015)



Fonte: Cálculo do EIGE com base em microdados de 2015 do Inquérito Europeu sobre as Condições de Trabalho.

Os rapazes também enfrentam desafios em linha. As conclusões decorrentes dos grupos-alvo do EIGE em dez Estados-Membros indicam que alguns rapazes podem sobrestimar a sua própria capacidade para resolver problemas em linha e que estão menos preparados do que as raparigas para procurar e aceitar ajuda. Esta atitude está relacionada com a expectativa estereotipada de que os rapazes devem «fazer-se homens». O ambiente virtual também amplifica os estereótipos de género e reforça a «masculinidade tóxica», sobretudo em jogos em que o comportamento agressivo dos homens é tolerado e em que as mulheres são tratadas como um objeto e sexualizadas. É importante ter estes aspetos em consideração, uma vez que quase metade dos rapazes com 15 anos de idade jogam diariamente jogos coletivos em linha (Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Económicos).

Não há como fugir da ciberviolência

Para os jovens, os comportamentos agressivos em linha são esperados e estão cada vez mais normalizados. Doze por cento (12%) das raparigas de 15 anos já foram vítimas de ciberperseguição pelo menos uma vez, contra 7% dos rapazes. Consequentemente, os jovens desenvolveram estratégias preventivas e reativas no que se refere aos seus comportamentos nos espaços digitais. As raparigas e as jovens, em especial, limitam aquilo que expressam em linha, devido a medo de ciberagressão, ciberperseguição sexual, mexericos e comentários de ódio. No caso dos rapazes, a tendência parece ser a de ignorar e minimizar os abusos sofridos.

«Tenho demasiado medo de manifestar as minhas opiniões na Internet. Guardo-as para mim porque sei que haverá sempre alguém que não vai gostar das minhas publicações» (rapariga, 15 anos, Suécia).

A tecnologia impulsiona a cidadania ativa

Os jovens de hoje são os utilizadores mais ativos da Internet e das redes sociais e estão entre os maiores consumidores de notícias em linha. Este nível de acesso à informação, de exposição a diferentes perspetivas e de envolvimento nos debates sociais pode ser um poderoso promotor do envolvimento ativo na vida pública e da cidadania. No entanto, o acesso das jovens à informação e a sua utilização

significativa das redes sociais não conduz necessariamente à sua participação ativa na vida civil ou política. Isto resulta da automonitorização cuidada dos seus perfis em linha, para garantir que estão em conformidade com as ideias tradicionais daquilo que são comportamentos adequados para as jovens.

Os jovens pensam que as discussões sobre a digitalização se centram amplamente nos riscos, levando a conclusões restritivas e proibitivas. Pensam que as mensagens sobre segurança na Internet se deveriam centrar no empoderamento e nos comportamentos responsáveis em linha, e não em restrições. Permitir que as raparigas e as jovens acedam plenamente às oportunidades oferecidas pelos espaços digitais em termos de aprendizagem, exposição a ideias políticas, debate, mobilização e ativismo ajudará a aumentar o número de futuras mulheres líderes e a colmatar as disparidades de género na tomada de decisões, sobretudo na arena política.

Como podem os decisores políticos melhorar a situação?

- A UE beneficiaria de um reforço da perspetiva de género em todas as suas políticas em matéria de digitalização.
- A igualdade de género tem de se tornar uma parte coerente e estrutural das futuras estratégias e políticas da UE para a juventude.
- A eliminação das disparidades de género nas competências digitais contribuiria para resolver os estrangulamentos no mercado de trabalho, aumentar a competitividade na UE e reduzir das desigualdades socioeconómicas.
- Políticas destinadas a abordar as disparidades de género em termos de autoconfiança no domínio das competências digitais aumentariam a pertinência dos resultados da educação e contribuiriam para o crescimento económico.
- A promoção de normas de género positivas em linha e fora de linha apoiaria a plena participação das jovens nos espaços digitais.
- As organizações da sociedade civil, sobretudo organizações de jovens e de mulheres, apoiadas por recursos adequados, podem promover uma participação mais significativa das raparigas na sociedade e na elaboração de políticas.





© Rawpixel.com/Shutterstock.com

- Garantir o desenvolvimento profissional abrangente, sustentável e contínuo das competências digitais para professores e educadores.
- É necessário controlar o cumprimento da legislação que protege as raparigas contra todas as formas de ciberviolência de género.
- O diálogo da Comissão Europeia com o setor das TIC sobre o código de conduta em matéria de discurso ilegal do ódio em linha poderá ser alargado para incluir as dimensões de género.



O EIGE elabora regularmente relatórios que examinam diferentes domínios da Plataforma de Ação de Pequim ou outras prioridades políticas da UE, tal como solicitado pelas presidências do Conselho da União Europeia. Esta ficha informativa baseia-se nos resultados do relatório *Study and work in the EU: set apart by gender* [Estudar e trabalhar na UE: divididos pelo género], elaborado a pedido da Presidência estónia (2017), na nota de investigação *Women and men in ICT: a chance for better work-life balance* [Mulheres e homens nas TIC: uma oportunidade para a melhor conciliação da vida profissional com a vida familiar], elaborada a pedido da Presidência búlgara (2018) e no relatório *Gender equality and youth: opportunities and risks of digitalisation* [Igualdade de género e juventude: oportunidades e riscos da digitalização], elaborado a pedido da Presidência austríaca (2018). O relatório contém mais informações sobre os dados mencionados no texto, incluindo referências exatas.

Outras publicações recentes do EIGE:

- [Economic benefits of gender equality in the EU](#) [Benefícios económicos da igualdade de género na UE] (2017)
- [Gender, skills and precarious work in the EU](#) [Género, competências e trabalho precário na UE] (2017)
- [Poverty, gender and intersecting inequalities](#) [Pobreza, género e intersecção de desigualdades] (2016)

Pode explorar todos os relatórios e publicações anteriores do EIGE nos domínios da Plataforma de Ação de Pequim no seguinte endereço: <http://eige.europa.eu/monitoring-the-bpfa>

Instituto Europeu para a Igualdade de Género, EIGE

O Instituto Europeu para a Igualdade de Género (EIGE) é o centro de conhecimento da UE no domínio das questões relacionadas com a igualdade de género. O EIGE apoia os decisores políticos e todas as instituições competentes nos seus esforços para tornar a igualdade entre mulheres e homens uma realidade para todos os cidadãos europeus, fornecendo-lhes competências específicas e dados comparáveis e fiáveis sobre a igualdade de género na Europa.

© Instituto Europeu para a Igualdade de Género, EIGE
Reprodução autorizada mediante indicação da fonte.



Instituto Europeu para a Igualdade de Género, EIGE
Gedimino pr. 16
LT-01103 Vílnius
LITUÂNIA

Contactos

<http://eige.europa.eu> 
facebook.com/eige.europa.eu 
twitter.com/eurogender 
youtube.com/eurogender 
eige.sec@eige.europa.eu 
 +370 52157444 